

O nível de reservas afasta preocupação com o pagamento de juros

por George Vidor
do Rio

A hipótese de suspensão do pagamento de juros pelo Brasil no caso de uma queda acentuada das reservas cambiais não fez os banqueiros no exterior acenderem o sinal amarelo. O diretor de um grande banco internacional comentava, na sexta-feira, no Rio, que os banqueiros não manifestaram nenhuma preocupação, porque somente nos últimos meses é que o Brasil conseguiu efetivamente acumular reservas cambiais reais, desde a crise do "setembro negro", em 1982, quando o México reconheceu publicamente que estava insolvente.

"As reservas que existiam eram, na verdade, dinheiro acumulado em caixa entre o pagamento de juros ou amortização de um empréstimo e outro. Agora sim é que existem reservas reais. Não há motivo, portanto, para preocupação. A situação anterior é que era perigosa", disse a fonte.

O fato de o governo brasileiro ainda não ter definido a sua estratégia para a próxima rodada de renegociação da dívida com os banqueiros no exterior não chega, também, a ser motivo de apreensão. Os banqueiros perceberam que o Brasil deseja ganhar tempo, talvez esperando uma conjuntura mais favorável. Como o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) só deve sair em agosto ou setembro, os banqueiros acham que apenas deverão concluir suas negociações com o Brasil no final do ano.

Situação de reservas tão favorável, no Brasil, os banqueiros somente viram antes do segundo choque do petróleo, em 1979. Preocupado com as consequências da guerra entre o Irã e o Iraque, o Brasil acumulou o máximo de reservas para a eventualidade de ter de comprar óleo a preços altos no mercado "spot" (livre).

Assim, para uma dívida de US\$ 50 bilhões, as reservas chegaram a US\$ 12 bilhões.

A estratégia a seguir era a de provocar uma contenção no consumo de combustíveis e pagar parte dos empréstimos com as reservas, para não fazer a dívida aumentar mais. Saiu o ministro Mário Henrique Simonsen e entrou o ministro Delfim Netto, que mudou a estratégia e usou as reservas em novas importações. Desde então, o País não mais conseguiu acumular moedas estrangeiras, chegando a ter reservas negativas de mais de US\$ 2 bilhões, em 1983.

ARGENTINA

A reação do povo argentino à reforma monetária introduzida no País pelo governo Alfonsín também surpreendeu os banqueiros, disse o mesmo diretor. "Os banqueiros temiam que surgissem conflitos, mas o comportamento do público revelou um sinal de maturidade", comentou.